

Ainda é possível fazer algo completamente diferente

Quase quarenta anos após a primeira aparição na BBC, os Monty Python motivam audiências em todo o mundo, justificando reposições em televisão, edições em livro e reedições em vídeo. Terry Jones revê a história do grupo e antecipa os novos empreendimentos projectados para esse terreno que ele ajudou a descobrir, entre o erudito e o absurdo

Ⓜ João Pedro Oliveira Ⓧ Diana Quintela

Terry Jones

Membro dos Monty Python

Nasceu em Gales, há 64 anos

Formado em Oxford, é historiador, escritor, argumentista, realizador, actor

Em 1969 criou os Monty Python com John Cleese, Eric Idle, Terry Gilliam, Michael Palin e Graham Chapman

Conhecemo-lo como realizador dos três filmes dos Monty Python, co-autor e intérprete de muitas e desvairadas personagens da série *Flying Circus (Os Malucos do Circo)*, em reposição na RTP Memória. Mas Terry Jones é também um medievalista formado em Oxford, autor de obras eruditas como *A Knight's Tale*, sobre a personagem do cavaleiro em *Os Contos de Canterbury*; de séries televisivas cómico-eruditas como *The Crusades*, *Ancient Inventions* ou *Medieval Figures*; de filmes como *Erik, o Viking* ou *The Wind in the Willows*; de livros para crianças e outros inclassificáveis como *Lady Cottington's Book of Pressed Fairies*. E aos 64 anos, insiste em fazer algo completamente diferente.

O que é que ainda lhe falta fazer?

Suponho que tenho tido muita sorte. Todos estes anos por aí a representar, a realizar filmes, a escrever livros. Mas a questão não está, de facto, no que já fizemos, mas no que ainda queremos fazer. E eu sinto que a vida é uma constante frustração. Porque estou sempre morto por partir, por começar a próxima coisa que quero fazer. Tenho sempre a sensação de que estou a perder tempo. Que não devia estar aqui...

Como agora, a perder tempo com mais um jornalista...

Precisamente. Vá-se embora. Xu! (risos). É uma sensação constante. Comecei a escrever um livro no final do ano passado, depois tive de parar para me dedicar a uma série de televisão, um documentário sobre os povos bárbaros que terminei há pouco. Tinha a esperança de retomar a escrita em Fevereiro. Não consegui.

Que livro será esse?

Chama-se *Evil Machines*. É uma colecção de pequenas histórias sobre máquinas malvadas. A primeira é sobre um carro que anda por aí a raptar pessoas; há outra sobre um tele-



fone que faz ouvir aquilo que nós queremos dizer e não aquilo que realmente dizemos. Há outra ainda que conta a história de uma bomba que aterra na sala de estar da família Johnson enquanto eles estão a jantar. Uma bomba simpática que lhes diz: "Estão com muita sorte, normalmente nós explodimos." Os Johnson oferecem-lhe um chá, ela lava a louça e ajuda as crianças com os traba-

lhos de casa. É uma série de histórias aparentemente absurdas....

Aparentemente.

(risos) Vá lá, leve-me a sério. São histórias que parecem nada ter que ver umas com as outras, mas estão todas ligadas. Ainda vou a meio. É frustrante. Preciso de tirar algum tempo para terminar isto.

Sente que o sucesso dos Python ensombra o seu trabalho individual?

Suponho que há vezes em que isso acontece. Fiz um filme chamado *Erik, o Viking*, baseado num livro que tinha escrito, e tive o John Cleese no elenco. Quando saiu, as pessoas esperavam um filme Python. E não era. Era um filme para crianças. Esperavam um filme cínico, mas este era um conto de fadas, em que temos de acreditar na história. Portanto, às vezes isso não ajuda. Mas em geral é

apenas uma referência, uma forma de as pessoas me situarem.

São recorrentes os rumores sobre a vossa reunião.

Sim, é verdade. Em toda a parte onde vou perguntam-me isso. Apos- to que também me vai perguntar.

Não. Vou perguntar apenas se os rumores são para levar a sério?

Ah bom, nesse caso é diferente. Se viesse outra vez com a história da reunião não lhe respondia. (risos) Não me parece que vá haver uma reunião. Nós ainda nos damos bastante. O Eric [Idle] e o John [Cleese] vivem na Costa Oeste [EUA], por isso não os vejo tanto. Mas vivo muito próximo do Michael [Palin] e do Terry [Gilliam] e vejo-os muito. Continuamos todos amigos. O Eric tem um novo show, o musical *Spamalot*, que vem agora da Broadway para o West End, em Londres. Ele esteve lá a fazer o casting e encontrámo-nos. Há muita coisa a acontecer à volta dos Python neste momento...

Mas não uma reunião.

Estivemos quase para voltar a palco. Acho que foi em 1998....

Fizeram um show juntos em Aspen (EUA), os cinco... perdão, os seis.

(risos) Sim, os cinco e o Graham [Chapman] num balde. Levámos uma urna, dizendo que continha as cinzas de Graham [falecido em 1989]... E a verdade é que ele ainda nos conseguiu fazer rir. Foi uma forma de o homenagear e cumprir a promessa de apenas reunirmos com o consentimento de todos.

Sentiram-se tentados a regressar?

Nessa altura o John tinha muita vontade de regressar com um novo espectáculo e chegou a anunciar que o faríamos. O Michael não estava muito para aí virado e o Terry não estava nada interessado. A coisa chegou a avançar e o Eric Idle teve muito trabalho a preparar tudo, durante dois meses. Depois o Michael dis-

"Há algo [no trabalho dos Python] que o torna melhor na memória de alguém. Quarenta anos depois é melhor do que alguma vez foi"

"Quando vejo o 'The Office', não me parece que deva algo aos Python. Felizmente, ainda é possível fazer algo completamente diferente"